

La Comédiathèque

Entre BASTIDORES

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:**
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>

Entre bastidores

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Os altos e baixos da nobre profissão de representar, em quinze cenas breves que revelam com humor as vaidades, os pequenos vícios e as contradições daquela que também poderia ser considerada a profissão mais antiga do mundo.

1 – Ganhar a vida.....	3
2 – Um beijo de cinema.....	6
3 – Distribuição de papéis.....	9
4 – Direção de atores.....	12
5 – Cadáver esquisito.....	15
6 – Segredos de estrelas.....	18
7 – Morto de medo.....	20
8 – Os figurantes.....	22
9 – Vingança.....	25
10 – Chamada final.....	28
11 – Silêncio, estamos a gravar!.....	31
12 – Uma cara de assassino.....	34
13 – Versão original.....	37
14 – Estás a falar comigo?.....	39
15 – Claquete final.....	42

Elenco

Duas personagens em cada um dos quinze sketches, interpretáveis por artistas de qualquer género. Os sketches 11, 13 e 15 incluem uma voz off, que pode ser gravada ou assumida por alguém do elenco. As personagens dos diferentes sketches podem ser representadas pelos mesmos intérpretes.

1 – Ganhar a vida

Uma pessoa está em cena. O telemóvel toca e essa pessoa atende a chamada.

Um – Sim, Clara... Quem? Ah, já sei. Tinha-me esquecido completamente. Que maçador... Não, não, deixe entrar, senão nunca mais me larga...

Enquanto consulta o ecrã do telemóvel, entra outra pessoa.

Um – Ah, que surpresa agradável! Entre, entre, por favor.

Dois – Agradeço-lhe por me receber sem ter marcado nada.

Um – Ora essa, sou quem trata da sua carreira. A minha porta está sempre aberta...

Dois – Há três semanas que tento marcar uma reunião consigo. Sem sucesso...

Um – Peço desculpa. Tenho tido imenso trabalho ultimamente.

Dois – Foi por isso que decidi aparecer. Sem marcar nada.

Um – Ainda bem que apareceu. Já não nos víamos há algum tempo, pois não?

Dois – Pois é.

Um – Acho que a última vez foi... Não, na verdade já nem me lembro...

Dois – Não foi no funeral daquele ator que morreu de fome depois de passar três anos à espera que o agente lhe arranjasse um papel? Nem que fosse só para ganhar a vida...

Um – Sempre com piada. Gosto de ver que não perdeu o sentido de humor.

Dois – Não garanto que mantenha esse sentido de humor por muito mais tempo.

Um – Então? O que o traz por cá?

Dois – O que me traz? Há meses que me prometeu um papel no cinema. E eu continuo aqui, à espera...

Um – Agora está complicado. Há crise, sabe como é...

Dois – Acabou de me dizer que está muito ocupado.

Um – Muitos projetos foram cancelados por falta de financiamento. Mesmo com grandes nomes no elenco...

Dois – E aquelas ajudas públicas distribuídas entre amigos, para financiar filmes que ninguém vai ver?

Um – Essas ajudas são cada vez mais raras, acredite. Antigamente, bastava conhecer alguém no departamento que distribuía os apoios para obter financiamento. Podia fazer-se qualquer porcaria e projetá-la em salas vazias sem arriscar um cêntimo. Agora é preciso conhecer quem manda. E os responsáveis mudam de três em três meses!

Dois – Também podíamos experimentar fazer bons filmes, que atraíssem milhões de espectadores e se pagassem a si próprios.

Um – Infelizmente, em certos meios, o sucesso é sinónimo de vulgaridade.

Dois – Pois. «Popular» e «para o grande público» tornaram-se quase insultos. E usam-se os impostos de toda a gente para fazer filmes que só querem impressionar meia dúzia de entendidos.

Um – Já se sabe: começa-se por subsidiar a cultura e acaba-se por cultivar os subsídios...

Dois – Mas ainda assim, continuam a fazer-se filmes, não?

Um – Sim... Sobretudo comédias. Muitas delas uns verdadeiros desastres, diga-se de passagem.

Dois – Prefiro representar numa porcaria do que não representar de todo. E muitos grandes atores fizeram carreira quase só com porcarias.

Um – Sim... Mas comédia...

Dois – O que é que tem a comédia?

Um – Há que reconhecer que não tem propriamente perfil para a comédia.

Dois – Ah não? E porquê?

Um – Não sei... Quando olhamos para si, assim à primeira vista... Não apetece propriamente rir.

Dois – Então arranje-me qualquer coisa na televisão. Estão sempre a fazer dramas deprimentes. Deve haver um papel à minha medida.

Um – Pois... Mas há muitas coproduções internacionais. E gente com ar de funeral não falta em lado nenhum, acredite. Fala alguma língua estrangeira?

Dois – Não.

Silêncio.

Um – Talvez conseguisse arranjar-lhe um anúncio, no limite.

Dois – Um anúncio?

Um – Nos tempos que correm... É melhor do que nada. Pelo menos aparecia na televisão.

Dois – Um anúncio de quê...?

Um – De salsichas.

Dois – Sou vegetariano.

Um – Nesse caso, vai ter mesmo de representar...

Dois – Um anúncio de salsichas...? E qual é o papel?

Um – Uma pessoa a comer salsichas.

Dois – Pois...

Um – Está interessado?

Dois – Seja. Aceito as salsichas.

Um – Claro que terá de fazer uma audição.

Dois – Claro.

Um – E depois dizem que os agentes não servem para nada!

Negro.

2 – Um beijo de cinema

Duas pessoas estão em cena. Permanecem caladas durante alguns instantes.

Um – Não me convence esta cena de amor.

Dois – Com quem é que a vais fazer?

Um – Com o Fred.

Dois – Ah, pois...

Silêncio.

Um – Já contracenaste com ele alguma vez?

Dois – Já...

Um – E não notaste nada?

Dois – Na verdade, sim...

Um – Tem um bafo de morrer.

Dois – Completamente.

Um – Como é que alguém consegue ter um hálito tão nojento?

Dois – Cheira a chagal, sem dúvida.

Um – Mesmo que uma pessoa nunca lavasse os dentes, não devia conseguir ter um hálito tão mau, pois não?

Dois – Deve ser do fígado, não há outra explicação.

Um – E claro, ninguém tem coragem de lhe dizer nada.

Dois – É delicado.

Um – Achas que ele sabe?

Dois – O quê?

Um – Que lhe cheira mal a boca!

Dois – Não sei...

Um – Se calhar não.

Dois – Talvez, quando se tem um hálito assim, nem se dê por isso.

Um – Pois... Se calhar até lhe fazíamos um favor ao dizer-lhe.

Dois – Sem dúvida que seria um favor para os outros.

Um – Para quem contracena com ele, desde logo.

Silêncio.

Dois – E se nós também tivéssemos mau hálito e ninguém tivesse tido coragem de nos

dizer?

Um – É uma possibilidade, infelizmente.

Dois – Se eu tivesse mau hálito, tu dizias-me?

Um – Não sei se teria coragem...

Dois – Mete medo, não é?

Um – Tranquilo, nunca notei nada.

Dois – Ainda bem...

Um – Se calhar só salpicas um bocadinho as pessoas quando falas.

Dois – Eu salpico as pessoas?

Um – Só um bocadinho.

Dois – Está bem... Ainda bem que me disseste. Vou tentar ter cuidado.

Um – OK... *(pausa)* E eu?

Dois – O quê?

Um – Também salpico as pessoas?

Dois – Nunca reparei...

Um – Pronto... Mas reparaste nalguma outra coisa?

Dois – Que me lembre, não.

Um – OK.

Dois – Acho que te ouvi dar um peido uma ou duas vezes.

Um – Ah, isso... É que às vezes não dá para controlar.

Dois – Eu sei, mas... no meio de uma cena, durante uma rodagem, pode distrair o colega, percebes?

Um – Percebo... Quando foi a última vez?

Dois – Esta manhã... Naquela cena que filmámos juntos.

Um – Ah, sim...

Dois – Estás a dizer-me que viste a Virgem Maria no fundo de uma gruta. E, mal pronuncias a palavra «gruta», largas um peido.

Um – Pois...

Dois – Não é fácil continuar a cena depois disso.

Um – Peço desculpa.

Dois – A verdade é que foi bastante engraçado, mas mesmo assim...

Um – Pois...

Dois – Não fizeste de propósito, pois não?

Um – Fiz, sim.

Dois – Já me parecia.

Um – É que aquela cena era tão ridícula... Não consegui evitar.

Dois – A Virgem...

Um – No fundo de uma gruta... Vá lá.

Dois – Se a tivesses visto no fundo de um copo de saqué, num restaurante chinês, ao menos isso tinha piada.

Um – Como é que os argumentistas ainda escrevem este tipo de disparates em pleno século XXI?

Dois – É para a televisão, já sabes. Escrevem o que lhes mandam...

Um – Pergunto-me quem é que ainda vê televisão. Quero dizer, os canais nacionais.

Dois – Os velhotes.

Um – E quando todos os velhotes morrerem?

Dois – Nós já estaremos mortos também.

Um – Esta conversa até me animou. Mesmo antes de ter de dar um beijo de língua àquele tipo com hálito de camelo.

Dois – Pois é... Não temos um ofício fácil...

Negro.

3 – Distribuição de papéis

Uma pessoa está à espera. Entra outra.

Dois – Olá.

Um – Olá.

Dois – É aqui o casting?

Um – Sim.

Dois – OK. *(Pausa)* Então somos só dois...

Um – Pelo que parece.

Silêncio.

Dois – Já não me lembro... Era para que papel, mesmo?

A primeira pessoa tira uma folha de papel e consulta-a.

Um – É para interpretar Albert Einstein.

Dois – Albert Einstein...?

Um – Albert Einstein.

Dois – Tens a certeza...? *(Tira também uma folha de papel e consulta-a.)* Na minha diz... Adolf Hitler.

Um – Deixa ver. *(Consulta a folha que lhe é entregue.)* Pois é...

Dois – Se calhar há dois papéis disponíveis.

Um – Pode ser...

Dois – É para cinema ou para televisão?

A primeira pessoa volta a consultar a folha.

Um – É para uma peça de teatro.

Dois – Uma peça de teatro com Einstein e Hitler...?

Um – Sim.

Dois – Não deve ser uma comédia, imagino...

Um – É um confronto imaginário entre os dois. Na realidade, nunca se encontraram.

Dois – Está claro que não teriam grande coisa para conversar.

Um – Hitler desprezava aquilo a que chamava «física judaica». Felizmente, de certa forma. Foi por isso que os nazis inicialmente descuraram a investigação nuclear, o que permitiu aos americanos desenvolver a bomba antes deles.

Dois – A sério...?

Um – No fim, foi o antissemitismo de Hitler que levou à derrota do Terceiro Reich.

Dois – Pois...

Um – Em 1933, Einstein exilou-se nos Estados Unidos e viria a convencer Roosevelt a lançar o Projeto Manhattan.

Dois – O Projeto Manhattan...?

Um – Aquele que tinha como objetivo desenvolver a primeira bomba atómica.

Dois – Entendo... Então é... um confronto entre Einstein e Hitler.

Um – Exatamente.

A segunda pessoa volta a olhar à sua volta.

Dois – Se só estamos nós dois, temos o papel garantido.

Um – Sim.

Pausa.

Dois – Preferes fazer de Einstein ou de Hitler?

Um – E tu?

Dois – Não sei...

Um – Fazer de um génio ou de um cabrão... Não sei o que é mais difícil...

Dois – Não me estou a ver muito a fazer de Hitler.

Um – Ah, não? O que é que te incomoda?

Dois – Não sei... Para começar, o bigode.

Um – O bigode?

Dois – Vamos ter de usar um bigode postiço, imagino eu.

Um – E...?

Dois – Os bigodes postiços nunca se aguentam bem...

Um – OK... Por outro lado... O Einstein também tinha bigode.

Dois – Ai tinha?

Um – Claro que sim... E bem maior do que o do Hitler.

Dois – Bolas...

Um – Então preferes fazer de Einstein?

Dois – Não sei... É uma questão de ver.

Um – Se quiseses, decidimos à sorte.

Dois – Achas?

Um – Porque não?

Dois – Está bem.

Um – Se sair cara, eu faço de Einstein. Se sair coroa, tu fazes de Hitler.

Dois – OK.

A primeira pessoa lança uma moeda, apanha-a e mostra o resultado à segunda.

Um – Cara. Eu faço de Einstein.

Dois – OK... Também não me via muito a fazer de génio, para dizer a verdade.

Um – Pois...

Negro.

4 – Direção de atores

Duas pessoas estão em cena, com ar perplexo.

Um – Não tenho bem a certeza de como interpretar esta personagem, e tu?

Dois – Não é fácil.

Um – É normal. É preciso tempo para nos apropriarmos da personagem.

Dois – Sim. Entrar na pele da personagem.

Um – Isso é o que a equipa técnica não consegue perceber.

Dois – Nem sequer o realizador, às vezes.

Um – Nós não somos máquinas.

Dois – Pois claro.

Pausa.

Um – Quantas tomadas é que já fizemos desta cena?

Dois – Vinte e sete, acho eu.

Um – Chiça...

Dois – Quando não sai...

Um – O realizador parecia um bocado tenso, não achaste?

Dois – Sim...

Um – Quando o realizador está tenso, também não ajuda os atores a descontraír.

Dois – Ao que parece, preferia que soubéssemos as falas antes de chegar ao local das filmagens.

Um – Pois, mas... Eu não trabalho assim. E tu?

Dois – Não, eu também não.

Um – Primeiro tenho de sentir a personagem. As palavras vêm depois.

Dois – Claro.

Um – Como se fosse uma improvisação, percebes?

Dois – Caso contrário, não é natural.

Um – Exatamente.

Dois – Não defendem muitos realizadores que se deve deixar espaço à improvisação?

Um – Claro. Alguns até deixam os atores inventar as falas no momento.

Dois – E outros mudam o guião à última hora.

Pausa.

Um – Percebeste o que ele queria dizer com «Interpretem como se a vossa vida dependesse disso»?

Dois – Acho que disse «Interpretem como se o vosso futuro dependesse disso».

Um – Achas?

Dois – Não tenho a certeza de ter percebido...

Um – O que é que isso quer dizer, afinal...?

Dois – Bem... há duas formas de ver.

Um – Ah, sim?

Dois – Se disse «como se a vossa vida dependesse disso», talvez queira que representemos com uma sensação de urgência.

Um – Estou a ver... Como se fosse uma questão de vida ou morte.

Dois – Isso mesmo.

Um – E se for a outra?

Dois – Se for «como se o vosso futuro dependesse disso», pode querer dizer...

Um – O quê?

Dois – «Estão a fazer um trabalho de meter dó. É melhor começarem a mexer-se ou não terão grande futuro nesta série.»

Um – Eh pá...

Dois – Pois é.

Um – E tu achas que ele queria dizer isso...?

Dois – Foi essa a impressão que tive.

Um – OK.

Dois – Se calhar devíamos repeti-la mais uma vez.

Um – Sim... Acho que mais vale decorarmos o texto.

Dois – Não é muito profissional, na verdade, mas pronto...

Um – Se a nossa vida depender disso.

Dois – Ou pelo menos o nosso futuro nesta profissão.

Um – No fim de contas, até me ajudou o que ele disse.

Dois – Sim...

Um – Um sentimento de urgência... Sim, é isso... Vamos interpretá-la com essa energia.

Dois – Tenho a certeza de que a vigésima oitava tomada vai ser a boa.

Um – Também sinto isso.

Dois – A direção de atores é importante.

Um – É aí que se reconhecem os grandes realizadores.

Dois – Exato.

Um – Pronto, ensaiamos?

Dois – OK. Com o texto na mão, por enquanto.

Um – Para já, é melhor assim.

Cada pessoa tira uma folha de papel.

Dois – Vamos lá...

Um (*a ler*) – Bom dia. Queria um café, por favor.

Dois – Só um café?

Um – Só. Completamente só. A pessoa com quem vivia deixou-me. E levou a máquina de café.

Dois – Nesse caso, sirvo-lhe um duplo. É oferta da casa.

Um – Agradeço.

Dois – Vá lá, não desanime...

Um – Acha que volta?

Dois – Não sei... Mas talvez devolva a máquina de café.

Pousam as folhas.

Um – Desta vez, senti mesmo a cena, e tu?

Dois – Sim. Estou completamente dentro da personagem.

Um – Vamos a isso?

Dois – Vamos arrasar, pá, vais ver...

Negro.

5 – Cadáver esquisito

Duas pessoas estão em cena, à espera de algo.

Um – Não tens bom aspeto, tens medo de palco?

Dois – Não, deu-me uma branca...

Um – Como assim, uma branca? Um lapso? Mas ainda nem começámos a representar!

Dois – Já não me lembro de que peça vamos representar.

Um – Hoje é domingo. Ao domingo não fazemos Hamlet?

Dois – Sim, mas aos domingos fazemos duas sessões, uma à tarde e outra à noite. Representamos Hamlet e Um Elétrico Chamado Desejo.

Um – À tarde é Hamlet e à noite Um Elétrico Chamado Desejo, não é?

Dois – É exatamente isso que me faz duvidar.

Um – Agora deixaste-me na dúvida também.

Dois – Fazemos tantas peças... Neste momento estou em treze ao mesmo tempo.

Um – E eu em quinze.

Dois – E sabemos todos os textos de cor.

Um – O problema é que já não sei qual é a de agora.

Dois – Hamlet, ou não Hamlet?

Um – That is the question.

Dois – Que horas são exatamente?

Um – Não sei. Fiz uma sesta e o relógio parou.

Dois – O meu deixei-o em casa.

Um – Mas esta é a sessão da tarde ou a da noite?

Dois – Já nem sei... Há tanto tempo que não vejo a luz do dia...

Um – Se for sessão da noite, já teríamos feito uma peça. Devíamos saber qual foi.

Dois – Neste momento estou a fazer três por dia. Uma às 15h00, outra às 19h00 e outra às 22h00.

Um – Eu também. E ainda faço um espetáculo infantil às 10h00.

Ouve-se a campainha que anuncia a entrada em cena.

Dois – Agora é tarde para perguntar qual é a peça. Ouviste? Entramos daqui a um minuto.

Um – Mas o público sabe o que veio ver.

Dois – Claro. Então, que fazemos?

Um – Proponho uma coisa: entramos, dizemos as duas primeiras falas de Hamlet e observamos o público. Se parecer surpreendido, passamos para Um Elétrico Chamado Desejo.

Dois – Achas...?

Um – Só há uma maneira de saber.

Dois – Está bem.

Pausa.

Um – Quem vem lá?

Dois – Não, respondam-me! Alto aí! Identifiquem-se!

Silêncio.

Um – Estão com ar surpreendido, não estão?

Dois – OK. Então seguimos com Um Elétrico Chamado Desejo...

Um – Voltamos ao princípio e ligamos as duas peças, está bem?

Dois – Está.

Pausa.

Um – Quem vem lá?

Dois – Não, respondam-me! Alto aí! Identifiquem-se!

Um – Olá, Stella, meu amor!

Dois – Deixa de gritar assim! Olá, Mitch!

Pausa.

Um – Está a fluir bem, não achas?

Dois – Sim. Pode resultar.

Um – E se continuarem com cara de espanto?

Dois – Não sei...

Um – Podíamos alternar as falas.

Dois – Alternar as falas?

Um – Uma fala de Hamlet, outra de Um Elétrico Chamado Desejo, e assim sucessivamente.

Dois – Podemos experimentar.

Pausa.

Um – Quem vem lá?

Dois – Olá, Stella, meu amor!

Um – Não, respondam-me! Alto aí! Identifiquem-se!

Dois – Deixa de gritar assim! Olá, Mitch!

Pausa.

Dois – Pois... Mas a peça vai durar o dobro.

Um – Duas peças pelo preço de uma. Quem é que se vai queixar?

Dois – Pois é.

Um – E à noite?

Dois – O mesmo, mas começamos pela outra.

Um – O que provavelmente vai dar um sentido totalmente diferente a estes dois clássicos.

Dois – Acabámos de inventar o cadáver esquisito teatral.

Toca novamente a campainha.

Um – Desta vez temos mesmo de entrar.

Dois – Então começamos com Um Elétrico Chamado Desejo...

Um – Não tínhamos dito Hamlet...?

Negro.

6 – Segredos de estrelas

Duas pessoas estão frente a frente.

Um – Agradecemos por nos receber em sua casa. Sabemos como procura proteger a sua vida privada. E agradecemos também esta entrevista à nossa revista Segredos de Estrelas.

Dois – Não tem de quê...

Um – A minha primeira pergunta tem precisamente a ver com a imprensa. Já várias vezes criticou os jornalistas da imprensa cor-de-rosa, comparando-os a abutres que se alimentam das desgraças das celebridades, violando ao mesmo tempo a intimidade da sua vida pessoal.

Dois – Ainda que seja um exagero, acho que um ator devia ser conhecido pelos filmes em que participa, não pelos pormenores mais ou menos sórdidos da sua vida privada, que não interessam a ninguém.

Um – Não menospreze o interesse que desperta. A nossa revista tem milhões de leitores. Parece que a vida das estrelas fascina muito mais gente do que imagina.

Dois – Detesto falar de mim. Também não partilho do gosto de tantos atores pelo exibicionismo. Mas compreendo que por vezes seja preciso sacrificar um pouco o pudor para satisfazer a curiosidade do público.

Um – Naturalmente...

Dois – Além disso, dou pouquíssimas entrevistas.

Um – É verdade... Já nos disse o mesmo há menos de um mês, quando nos encontrámos por ocasião do seu terceiro casamento. Com alguém da nossa área, da televisão, aliás...

Dois – Infelizmente, já estamos a tratar do divórcio.

Um – Com certeza teremos ocasião de nos voltar a encontrar para falar disso...

Dois – É um tema doloroso para mim, mas... com todo o gosto.

Um – Mas passemos ao tema principal desta entrevista: a publicação nas livrarias da sua tão esperada autobiografia, sobriamente intitulada... A minha vida.

Dois – A editora queria chamar-lhe Os Segredos do Espetáculo. Mas achei o título demasiado sensacionalista.

Um – E esse é precisamente o subtítulo desta obra-prima de mais de seiscentas páginas.

Dois – Já lhe disse. Às vezes é preciso ceder...

Um – Sem querer revelar demasiado, neste livro fala da sua vida íntima com algumas celebridades que partilharam consigo, durante algum tempo... a cama. Perdão, a vida. E não foram assim tão poucas. E ninguém escapa...

Dois – Falar da vida amorosa de alguém é algo bastante impúdico. Mas já que aceitei esse exercício, ao menos devia a verdade aos meus leitores.

Um – Ficamos a saber, por exemplo, que a sua última esposa tinha uma perna mais curta do que a outra, e que compensava esse pequeno defeito com palmilhas ortopédicas...

Dois – É importante que o público saiba que as estrelas são como toda a gente. Que por trás das imagens de perfeição que os média transmitem, se escondem pessoas normais, com os mesmos defeitos que qualquer cidadão. Sabe, antes de serem ícones venerados por todos, as estrelas também foram pessoas comuns...

Um – Ao que parece, a sua esposa não ficou muito satisfeita por se tornar, involuntariamente, num exemplo de imperfeição, já que após essa revelação pediu o divórcio.

Dois – As estrelas são pessoas frágeis. Precisam de se sentir amadas. E para serem amadas, acham que têm de esconder até o mais pequeno defeito. Mas, na verdade, é revelando as nossas fragilidades que nos podemos aproximar do público e criar uma ligação autêntica com ele.

Um – No entanto, nesse livro não se alonga muito sobre as suas próprias fragilidades.

Dois – Por pudor, acredite.

Um – Creio que a sua ex-mulher também está prestes a publicar a sua autobiografia. Para não comprometer a sua natural modéstia, talvez seja ela a encarregar-se de revelar todos esses defeitos que farão de si alguém mais próximo do grande público.

Dois – Pode ser...

Um – Para terminar, gostava de fazer uma pergunta um pouco indiscreta.

Dois – Força...

Um – Sabe-se que muitas celebridades que publicam as suas memórias recorrem a profissionais para as escrever por elas. Escreveu mesmo esta autobiografia?

Dois – Se não nos conhecêssemos, tomaria essa pergunta como um insulto... Há algo nesse livro que o leve a pensar que não fui eu a escrevê-lo?

Um – No livro, não. Mas acontece que conheço muito bem o jornalista que o redigiu. Aliás, tenho o contrato dele no bolso... Mesmo que tenha assinado com pseudónimo.

Dois – Ai sim...? E quem é esse jornalista, na sua opinião?

Um – Sou eu.

Dois – Nesse caso, dou-lhe os parabéns. O livro está muito bem escrito, e gostei imenso de o ler. Até aprendi algumas coisas sobre a minha vida que desconhecia, e que depois de verificar, se revelaram absolutamente verdadeiras.

Um – Obrigado por nos ter concedido esta entrevista.

Dois – Obrigado eu.

Negro.

7 – Morto de medo

Uma pessoa está em cena. Entra outra.

Dois – Que cara é essa... Estás bem?

Um – É a cena em que eu morro...

Dois – Desculpa?

Um – A cena que vamos fazer agora. É a cena em que a minha personagem morre de uma embolia pulmonar.

Dois – OK... E... o teu médico disse-te que tens risco de embolia pulmonar? Quero dizer, na vida real...?

Um – Não. Que eu saiba, não.

Dois – Então?

Um – Não sei... Acontece-me sempre alguma coisa quando morro em cena. E contigo, não?

Dois – Não.

Um – Pronto, eu faço de conta, mas... E se morresse mesmo?

Dois – Estás a sentir-te mal?

Um – Não, não, estou bem, mas... Estou tão dentro da personagem... E se no momento em que ela morre, eu morresse com ela?

Dois – Isso era levar a profissão demasiado longe. Nem o Actors Studio exige que um intérprete morra de verdade com a personagem.

Um – Eu sei que é irracional, mas estou morto de medo.

Dois – Isto é teatro, não são combates de gladiadores. Não substituímos o elenco sempre que alguém morre em cena ou é devorado por um leão. Aqui as espadas são de madeira e os leões de cartão.

Um – Nunca se sabe... Basta uma vez...

Dois – Justamente. Esta é a quarta representação. A tua personagem já morreu três vezes. Morre todas as noites por volta das dez e trinta e cinco. E tu ainda estás aqui.

Um – Então deve ser isso. A síndrome da quarta.

Dois – A síndrome da quarta? O que é isso?

Um – Reza a história que Molière, o grande autor de comédias, morreu pouco depois da quarta representação de O Doente Imaginário. E sabes de que morreu?

Dois – De pulmão.

Um – Exatamente. De pulmão.

Dois – Bem... já não estamos no século XVII.

Um – Achas que hoje em dia já não se morre de embolia pulmonar?

Dois – Sim, mas hoje pelo menos não te recusariam um funeral só por seres ator.

Um – Pois, agora sinto-me muito mais descansado...

Dois – Era uma piada. Não sabia que eras tão supersticioso.

Um – Tenho de deixar de fazer personagens que morrem, simplesmente.

Dois – Em todas as tragédias, o protagonista morre no fim. Não te vai sobrar muita escolha.

Um – Então só faço comédias.

Dois – O Doente Imaginário é uma comédia. O protagonista nem sequer morre no fim. E, no entanto, Molière morreu pouco depois de o interpretar.

Um – Tens razão. Tenho de deixar também a comédia.

Dois – No teatro, se deixas a tragédia e a comédia, o que é que te resta?

Um – Cinema.

Dois – No cinema nunca se morre?

Um – Pelo menos só morres uma vez. No teatro, morres todas as noites.

Dois – Mesmo no cinema, depende.

Um – Como assim, depende?

Dois – Se a primeira tomada correr bem, só morres uma vez. Mas, se forem necessárias várias tomadas...

Um – Pois é...

Dois – Se forem quatro, podes morrer à quarta. Como o Molière...

Um – Então vou tentar fazê-lo bem à primeira.

Dois – Não vai ser fácil...

Um – Pois não...

Dois – Sempre te resta a televisão.

Um – Televisão?

Dois – Na televisão, os orçamentos são apertados. Não podem repetir a mesma tomada demasiadas vezes. Normalmente, a primeira é a que fica.

Um – Eu, na televisão? Antes morrer!

A segunda pessoa olha para o relógio.

Dois – Pois olha, falando em morrer... está na hora de entrar em cena. Vamos?

Um – Vamos lá...

Negro.

8 – Os figurantes

Uma pessoa, vestida com cores vivas, está à espera. Entra outra, vestida de preto, com uma mochila às costas e uma cadeira dobrável debaixo do braço. Dirige-se à primeira.

Dois – É aqui para a figuração?

Um – Sim. Bem, disseram-me para esperar aqui...

Dois – OK.

A segunda pessoa abre a cadeira e senta-se. Depois tira da mochila um termo de café e uma sandes embrulhada em papel de alumínio. Desembrulha a sandes e começa a comer. A primeira observa, com curiosidade.

Um – Imagino que não seja a sua primeira vez como figurante.

Dois – Faço isto desde sempre. Mal nasci, os meus pais inscreveram-me numa agência de casting para fazer de bebé prematuro...

Um – Prematuro?

Dois – Nasci três meses antes do tempo.

Um – Existem figurações de bebés prematuros?

Dois – São raras... Mas como também não há muitos candidatos...

Um – Foi uma maneira de entrar na profissão.

Dois – Depois fiz anúncios de fraldas, cereais, cremes para o acne, créditos à habitação, cirurgia estética, aparelhos auditivos, cadeiras elevatórias, pensos para perdas de urina...

Um – Das fraldas para os pensos... pode-se dizer que fechou o ciclo.

Dois – Acabei de participar num anúncio de seguros funerários.

Um – Tem razão... Imagino que nesta profissão é preciso saber adaptar-se, se se quer ter uma carreira longa.

Dois – Também faço televisão e cinema, claro.

Um – E sempre como figurante?

Dois – Também fiz algumas vozes off. Mas sim: ou me veem ou me ouvem, nunca as duas coisas ao mesmo tempo.

Um – E nunca tentou ser ator? Quero dizer, ator a sério... Interpretar uma personagem, dizer um texto... Um ator mesmo.

Dois – No início, sim. Fiz alguns castings. Mas nunca me escolheram. Parece que a minha voz não combina com o meu aspeto. Então desisti. Ser ator, sabe, não tem só vantagens.

Um – Ah, não?

Dois – Quando te veem e te ouvem ao mesmo tempo, acabam por te reconhecer.

Um – E isso, para si, é um problema...?

Dois – O problema é que depois ficas colado a um papel. Associam-te sempre à mesma coisa...

Um – Já percebo...

Dois – Em todas as séries policiais, fazes de médico legista, por exemplo. Ao início é ótimo, dá trabalho contínuo.

Um – Mas com o tempo, o público farta-se...

Dois – E deixam de te chamar.

Um – Os diretores de casting não têm grande imaginação.

Dois – Eu, quase sempre, apareço de costas ou de lado. Por isso, claro, ninguém me reconhece.

Um – Pelo menos não o incomodam no restaurante a pedir autógrafos.

Dois – Nem a pessoa que mora na porta ao lado me reconhece. E cruzamo-nos todos os dias! Aliás, também não me reconheceu...

Um – Já nos vimos?

Dois – Estivemos juntos nas filmagens daquela nova série policial.

Um – Ah, sim... Aquela série policial em que uma antiga rainha de beleza interpreta uma investigadora cega.

Dois – Cega, mas com um sexto sentido extraordinário.

Um – E fazia de médico-legista?

Dois – Eu fazia de cadáver que o médico-legista estava a autopsiar.

Um – Desculpe, não me lembro de si...

Dois – Está a ver o que eu dizia? Às vezes, nem o meu pai me reconhece.

Um – Se calhar é Alzheimer...

Dois – Nem quando nasci me reconheceu... E o senhor?

Um – Eu?

Dois – Já anda nisto há muito tempo?

Um – Ah, não, eu... Esta é só a minha segunda figuração. E sinceramente, não sei se vou continuar.

Dois – Isso dizemos todos... E trinta anos depois, estamos a fazer de cadáver num anúncio de funerária.

Um – Pois... É exatamente por isso... Estou a pensar se não será melhor parar já.

A segunda pessoa pega no termo e serve-se de café.

Dois – Quer um café?

Um – Não, agradeço. Estou bem assim.

A segunda pessoa bebe um gole de café em silêncio.

Dois – Está a ver... Uma pessoa habitua-se depressa às suas rotinas.

Um – Dizem que uma atriz muito famosa fazia tricô entre duas tomadas.

Dois – E era uma grande atriz.

A segunda pessoa olha para o local de onde devem entrar em cena.

Um – Acho que vai começar.

Dois – Quando é para entrar, é para entrar...

A segunda pessoa guarda os seus pertences.

Um – Sabe o que é que temos de fazer hoje? Esqueci-me de perguntar.

Dois – Imagino que sim. Caso contrário, provavelmente não se teria vestido assim.

Um – Pensei que com cores vivas teria mais hipóteses de se notar.

Dois – Nesse caso, conseguiu.

Um – Ah, sim...?

Dois – Fazemos de multidão anónima no funeral de uma celebridade.

A primeira pessoa olha à sua volta.

Um – Por agora, só estamos nós os dois.

Dois – É um filme de baixo orçamento...

Afastam-se.

Negro.

9 – Vingança

Uma pessoa está em cena. Entra outra.

Um – Olá!

Dois – Olá...

Um – Vens ao casting?

Dois – Sim.

Um – É um papel excelente, não é?

Dois – Sim.

Um – Daqueles que podem relançar uma carreira...

Dois – Relançar...? Estás a dizer isso por minha causa?

Um – Já não apareces no ecrã há algum tempo, pois não?

Dois – Ultimamente tenho feito sobretudo teatro.

Um – E publicidade! Já me lembro, vi-te naquele anúncio de cadeiras elevatórias para escadas.

Dois – Era de aparelhos auditivos.

Um – Ah, sim, pode ser.

Dois – Sim.

Silêncio.

Um – A sério que não te lembras de mim?

Dois – Devia?

Um – Encontrámo-nos num casting há... Bem, éramos jovens na altura.

Dois – Ah, sim?

Um – Era para um telefilme. A história de um cabrão que mata a mulher para receber o seguro de vida e consegue incriminar o melhor amigo.

Dois – Ah, já sei...

Um – A ti deram-te o papel. Devias ser mais convincente do que eu a fazer de cabrão.

Dois – Pode ser.

Um – Esse papel foi o que lançou a tua carreira, não foi?

Dois – É verdade.

Um – A vida tem destas coisas, não é?

Dois – O quê?

Um – Se naquela altura me tivessem escolhido a mim em vez de ti... Talvez hoje tivesse essa fama toda.

Dois – Pois...

Um – Embora a tua fama já esteja um bocadinho ultrapassada, claro.

Dois – Obrigado pelo elogio... Mas olha, eu não acredito muito no acaso.

Um – Não?

Dois – Talvez já nessa altura eu tivesse mais talento do que tu.

Um – Sim... Ou talvez dormisses com a produtora.

A segunda pessoa fica visivelmente incomodada.

Dois – E diz-me, vens ao casting para o papel principal também?

Um – Não.

Dois – Para um papel secundário, então?

Um – Também não.

Dois – Figuração?

Um – Sou quem produz o filme.

A segunda pessoa fica sem reação.

Dois – Ah, é?

Um – Como nunca consegui dormir com a produtora para conseguir papéis, decidi passar a produzir filmes.

Dois – Uau...

Um – Não tinha o físico para isso.

Dois – Percebo.

Um – Mas não te preocupes, não exijo favores sexuais para dar um papel a ninguém.

Dois – Ainda bem.

Um – Só escolho quem tem talento, percebes?

Dois – Já estou a perceber.

Um – Mas não sei se isso te deve deixar muito tranquilo...

Dois – Sim... No início não te tinha reconhecido, mas... Agora lembro-me bem.

Um – Ah, sim?

Dois – Alex, certo?

Um – Sam.

Dois – Isso, Sam. Mas não nos voltámos a encontrar depois?

Um – Deixei-te o meu número. Mas nunca me ligaste.

Dois – Ah, foi?

Um – Pediste-me cinquenta euros emprestados para apanhares um táxi.

Dois – Epá... Devo ter perdido o teu número.

Um – Provavelmente...

Dois – Mas devolvo-te já, se quiseres.

Um – Deixa estar, é por minha conta. Já não preciso deles.

Dois – Tens a certeza?

Um – Fica com os cinquenta euros... Bebe um copo à minha saúde, pelos velhos tempos.

Dois – Deixo-te o meu número. Podemos beber um copo juntos, não? Eu convido...

Um – Até já, para o casting.

Dois – Até já...

Negro.

10 – Chamada final

Duas pessoas estão em cena, com ar perplexo.

Um – Achas que estivemos bem esta noite?

Dois – Aplaudiram, não foi?

Um – Sim. Timidamente...

Dois – É verdade que ficou longe de ser uma ovação de pé.

Um – O público levantou-se para aplaudir, sim... mas sobretudo para sair o mais depressa possível.

Dois – Nem sequer nos chamaram de volta para agradecer.

Um – Pois foi. Voltámos ao palco na mesma, mas ninguém aplaudiu.

Dois – Estavam demasiado ocupados a vestir os casacos e a passar por cima de quem ainda não se levantara.

Um – Se houvesse um incêndio, não teriam saído mais rápido.

Dois – Se calhar não devíamos ter voltado ao palco.

Um – Foi um bocado patético. Ali, como duas figuras tristes, a agradecer aplausos que já tinham acabado.

Pausa.

Dois – Reparaste? Durante a peça, não se riram onde estava previsto.

Um – Pois. E às vezes riram-se onde não havia nada de engraçado.

Dois – Há dias em que o público não tem talento.

Um – Não estavam melhor os de ontem?

Dois – Sim, mais vivos.

Um – Os de hoje deviam morar nos arredores.

Dois – Bem longe, até.

Um – Por isso deviam ter tanta pressa em sair. Para não perder o último comboio.

Dois – Não, hoje foi um desastre, sinceramente.

Um – Devíamos poder escolher o público.

Dois – O público escolhe o que quer ver, por que é que nós não podemos escolher quem nos vê?

Um – Mas pronto... também não vamos fazer uma entrevista a cada espectador antes de lhe vender um bilhete. Nunca mais saíamos daqui.

Dois – Tens razão. Já é um milagre alguém ainda vir ao teatro.

Um – Pois é... Não estamos em posição de sermos esquisitos. Aceita-se o que vier, e pronto.

Pausa.

Dois – Mesmo assim, acho que estavam atentos, não achas?

Um – Sim. Não reagiam muito, mas notava-se... uma atenção.

Dois – O facto de não se rirem às gargalhadas não quer dizer que não tenham gostado.

Um – Há pessoas mais discretas do que outras.

Dois – E quanto menos público há, mais discretos são.

Um – Pois. E como só estavam aí uns vinte...

Dois – Dezassete, acho eu...

Um – Foram muito discretos.

Dois – De certeza que acharam piada, mas não se atreviam a rir. Para não incomodar.

Um – Tens razão. No fim de contas, se calhar adoraram.

Dois – Mas ninguém nos chamou de volta para agradecer.

Um – Não.

Dois – E ninguém aplaudiu quando voltámos a saudar.

Um – Se calhar não nos viram.

Dois – Ou então não quiseram fazer-nos perder tempo.

Um – Com medo que tivéssemos um comboio para apanhar.

Dois – Que, aliás, é verdade — se demorarmos muito, perdemos o nosso.

Um – Pois é. Nós também vivemos na periferia.

Dois – Que ator hoje em dia pode viver no centro?

Um – Afinal, as pessoas que vivem nos arredores são o nosso público.

Dois – Pelo menos, são os nossos vizinhos.

Um – Acho até que reconheci um ou dois.

Dois – Que gesto simpático terem vindo ver-nos.

Pausa.

Um – Achas que um dia vamos ser substituídos por inteligências artificiais?

Dois – Quem sabe... Primeiro as inteligências artificiais substituíram quem faz legendas, depois as vozes da dobragem... Por que não os atores?

Um – E depois o público.

Dois – Se calhar assim seria mais inteligente.

Um – Mas nós ficaríamos no desemprego.

Dois – Robots a representar uma comédia perante outros robots.

Um – Achas que se vão rir?

Dois – Se for humor de robots...

Um – E o que é que fará um robot rir, achas tu?

Dois – Ter conseguido substituir-nos. Com isso já têm motivos de sobra.

Negro.

11 – Silêncio, estamos a gravar!

Duas pessoas estão em cena, aparentemente à espera. Ouve-se uma voz off.

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

As duas personagens permanecem imóveis, na mesma posição. Não dizem nada durante um longo momento. A voz off volta a ouvir-se.

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

As duas personagens continuam imóveis.

Voz off – Ehhh... Quando quiserem...

Um – O quê?

Voz off – Bem... a câmara já está a gravar... Não vão ficar aí calados sem dizer nada...

Dois – Disse «Silêncio, estamos a gravar!».

Voz off – Sim, mas o «silêncio» é para os outros.

Um – Os outros?

Voz off – O silêncio é para a equipa técnica. Os atores é que têm de falar. E são os atores que estão diante da câmara!

Dois – E o que é que quer que digamos?

Voz off – Sei lá. O vosso texto, por exemplo.

Um – O nosso texto?

Voz off – Não têm texto?

Dois – Isso é algo que nos deveriam ter dito antes de começarmos a filmar.

Um – Nós somos só os atores. Não temos voto na matéria.

Voz off – Eu sou apenas responsável pela imagem. Pediram-me que filmasse esta cena antes do meio-dia. Ninguém me disse se havia texto ou não.

Dois (*para o outro*) – Deram-te algum texto?

Um – Não.

Voz off – Pronto... então improvisem.

Um – Improvisar? Improvisar sobre o quê?

Voz off – Fónix, não acredito nisto...

Dois – Nós improvisamos com todo o gosto, mas precisamos pelo menos de uma situação de partida. Sobre o que é a cena?

Voz off – Ah, não faço ideia! Isso não é o meu trabalho! Eu só trato da imagem, está bem?

Um – Bom... Então improvisamos.

Voz off – Isso! Voltamos ao início?

Dois – Vamos a isso.

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

As duas personagens ficam imóveis por um momento.

Um – Que silêncio...

Dois – Pois é.

Um – Ouvia-se uma mosca a voar.

Dois – É verdade.

Pausa.

Um – Pena que não haja moscas.

Dois – Pois não.

Novo silêncio.

Voz off – Corta! (*Pausa*) Isso é tudo?

Um – Fiz o melhor que pude...

Dois – Eu também.

Um – Também tens de admitir que não ajudaste muito.

Dois – Eu?

Um – Podias ter-me dado uma deixa para continuar.

Dois – A improvisação é uma arte. Não é de um momento para o outro que alguém se torna especialista.

Um – Mas um ator devia saber improvisar, não?

Dois – Estás a insinuar que não sou bom ator?

Um – Não disse isso, mas...

Dois – E sejamos sinceros... «Ouvia-se uma mosca a voar... pena que não haja moscas»... O que é que querias que eu respondesse a isso?

Um – Então devias ter começado tu, se és tão bom!

Dois – Ia começar! Cortaste-me!

Um – Não dizias nada!

Dois – Estava à espera que surgisse algo! É assim que se faz impro! É preciso dar espaço... E o silêncio também é importante.

Um – O silêncio?

Dois – O subtexto, se preferires. Os diálogos são importantes, sim, mas o que não se diz... isso é que conta.

Um – O que não se diz...

Dois – Sim, o que não se diz.

Um – O silêncio, portanto.

Dois – Como dizia alguém de quem já não me lembro: «O silêncio depois de Mozart ainda é Mozart.»

Um – Então, nesse caso, já não tenho mais nada a dizer...

Silêncio.

Dois – Então? Desta vez correu bem?

Voz off – O quê?

Um – A nossa impro.

Voz off – Qual improvisação?

Um – A que acabámos de fazer!

Voz off – Ah! Mas eu não estava a gravar...

Dois – Não estava a gravar.

Um – Não posso acreditar...

Dois – Diga-me que está a brincar.

Voz off – Não faz mal, repetimos.

Um – Mas se repetimos, já não é uma impro!

Voz off – Querem mesmo estragar-me a manhã? Já quase é meio-dia! Não tenho o dia todo!

Dois – Vá lá... vamos começar outra vez...

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

Silêncio.

Negro.

12 – Uma cara de assassino

Uma pessoa espera numa paragem de autocarro. Entra outra.

Dois – Desculpe, é aqui a paragem do autocarro?

Um – É, sim.

Dois – É que com as obras...

Um – Não se preocupe, é aqui. Acabei de perder o anterior por dois segundos. Parou precisamente neste sítio.

Dois – Agradeço.

Um – Ora essa.

A segunda pessoa observa a primeira com curiosidade.

Dois – Desculpe, mas... tenho a sensação de já o ter visto em qualquer lado.

Um – Sim, dizem-me isso muitas vezes...

Dois – Não! Já sei de onde o conheço!

Um – Ah, sim...?

Dois – Já sei! É mesmo quem eu pensava!

Um – Eu?

Dois – Foi quem matou aquele pobre miúdo, atirando-o do alto de uma roda-gigante!

Um – Eh... sim... Era num filme para televisão.

Dois – Exatamente! Foi nesse filme!

O outro continua a olhar com insistência.

Um – Quer um autógrafo?

Dois – Um autógrafo? Perdeu a cabeça? Isso é de loucos!

Um – Mas era só um papel, na televisão. Garanto-lhe que nunca matei ninguém.

Dois – Sim, claro... E o pobre miúdo?

Um – Juro-lhe que nenhum miúdo se magoou durante as filmagens.

Dois – Caiu de trinta metros antes de se esmagar entre uma barraca de algodão-doce e outra de comida rápida!

Um – Mas era um boneco! No fim, os pais do miúdo receberam o cachê e levaram-no para casa fazer os trabalhos de casa.

Dois – Mas antes disso, também o vi noutro filme, de uniforme nazi, a torturar uma mulher para ela revelar onde se escondiam membros da resistência.

Um – Eh, sim, é verdade... Que quer que lhe diga? Dizem que tenho cara de assassino.

Dois – E tem mesmo. Uma autêntica cara de assassino. Não sei o que me impede de...

Aproxima-se de forma ameaçadora.

Um – Ouça, perdeu o juízo? A guerra já acabou há muito! E os nazis que ainda existem não andam de uniforme!

Dois – Sim, claro... Agora vai dizer-me que é uma pessoa respeitável.

Um – E porque não?

Dois – Maltratar mulheres e crianças... Não tem vergonha na cara?

Dá mais um passo em direção ao outro.

Um – Era ficção! Juro-lhe que na vida real não faria mal a ninguém... (*Encarando a outra pessoa.*) Mas é melhor não me provocar demasiado.

A segunda pessoa detém-se, agora com mais cautela.

Dois – Vai matar-me a mim também?

Um – Já lhe disse que nunca matei ninguém! Pelo menos até agora...

Dois – Pois... Mas tem ar de assassino.

Um – Ar de assassino...? Isso não quer dizer nada! Olhe para si! Tem um ar de idiota – e, no entanto...

Dois – E no entanto...?

Um – Vá, mau exemplo... Mas há muitos génios que tinham cara de completos imbecis.

Dois – Tipo quem?

Um – Agora não me lembro de nenhum, mas que os há, há...

Dois – Pois...

Um – Nunca pensou em fazer cinema?

Dois – Cinema?

Um – Ou teatro, não sei. Acredite, com essa cara... Podia fazer carreira.

Dois – O que é que tem a minha cara?

Um – Digamos que é uma cara... muito expressiva.

Dois – Ah, sim...?

Um – Claro! (*Entrega um cartão de visita.*) É de uma pessoa que dirige castings e está sempre à procura de caras novas...

Dois – E acha que a minha cara podia interessá-lo?

Um – Sem dúvida! Neste momento procura alguém para uma peça sobre um idiota que nem se apercebe de que o é. Conhece a história?

Dois – Não.

Um – Então devia ir ao casting, a sério.

Dois – Bom...

Um – Diga que vai da minha parte.

Dois – Que gentileza! E pensar que o tomei por um cabrão...

Um – Está a ver? As aparências iludem.

Negro.

13 – Versão original

Uma pessoa está em cena. Entra outra. Nesta cena, as falas em inglês podem ser substituídas por qualquer outra língua que o público reconheça como estrangeira.

Dois – O que se passa?

Um – I don't know... (*Apontando para o público*) Look, there's a crowd gathered. Something must be happening.

Dois – Ah, sim, tem razão... O que será que estão todos a olhar assim?

Um – Who knows... But when lots of people are looking in the same direction, something must be going on.

Dois – E estão a olhar para onde, exatamente?

Um – Looks like they're looking... our way.

Dois – Então é porque está mesmo a acontecer alguma coisa.

Um – But what?

Voz off – Corta!

Dois – Há algum problema?

Voz off – Pergunta se há algum problema...

Um – Well yes, what's wrong?

Voz off – O problema é que uma pessoa está em versão dobrada e a outra em versão original.

Dois – Em versão original?

Voz off – E sem legendas, ainda por cima! É isso que se passa!

Um – That's right. I didn't notice...

Dois – Eu também não.

Um – Well, I guess we'll have to do it again, then.

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

A primeira pessoa (Um) vai buscar uma pilha de cartazes. Repetem a mesma cena com as mesmas falas. Desta vez, enquanto fala em inglês, Um mostra cartazes com legendas em português. Dois continua a falar em português, mas com sotaque inglês.

Dois – O que se passa?

Um – I don't know... (*Apontando para o público*) Look, there's a crowd gathered. Something must be happening.

Dois – Ah, sim, tem razão... O que será que estão todos a olhar assim?

Um – Who knows... But when lots of people are looking in the same direction, something must be going on.

Dois – E estão a olhar para onde, exatamente?

Um – Looks like they're looking... our way.

Dois – Então é porque está mesmo a acontecer alguma coisa.

Um – But what?

Voz off – Corta!

Dois – Há problema outra vez?

Voz off – Já temos as legendas de quem fala inglês, mas a outra personagem continua a falar português!

Um – He still speaks Portuguese?

Dois – Tem a certeza?

Voz off – Com sotaque inglês, sim senhor, mas continua a ser português!

Um – OK... Let's do it again, then.

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

Dois também vai buscar uma pilha de cartazes. Repetem a cena: Um mostra legendas em português enquanto fala inglês; Dois, falando português com sotaque inglês, mostra legendas em inglês.

Dois – O que se passa?

Um – I don't know... (*Apontando para o público*) Look, there's a crowd gathered. Something must be happening.

Dois – Ah, sim, tem razão... O que será que estão todos a olhar assim?

Um – Who knows... But when lots of people are looking in the same direction, something must be going on.

Dois – E estão a olhar para onde, exatamente?

Um – Looks like they're looking... our way.

Dois – Então é porque está mesmo a acontecer alguma coisa.

Um – But what?

Voz off – Corta!

Dois – Was it alright this time?

Voz off – O quê?

Um – Desta vez correu bem?

Voz off – Já chega assim... Também não vamos passar a noite toda nisto...

Negro.

14 – Estás a falar comigo?

Duas pessoas aguardam no local das filmagens. Ficam em silêncio durante alguns instantes.

Um – Chiça, isto está a parecer uma eternidade...

Dois – Pois está.

Um – Há quanto tempo é que estamos à espera?

Dois – Não sei. Pediram-nos que estivéssemos aqui às oito... *(Olha para o relógio.)* São onze...

Um – Três horas! E ainda nem fizemos uma única tomada.

Dois – É verdade que em três horas já podiam ter tido tempo de se preparar.

Um – Ou então que nos dissessem logo para vir ao meio-dia.

Dois – O cinema... Era um trabalho maravilhoso, se não fossem os técnicos...

Um – Se calhar devíamos ir perguntar o que se passa...

Dois – Sinceramente, não te aconselho.

Um – E depois são tão sensíveis... Basta dizer qualquer coisa e já dizem que as vedetas desprezam os trabalhadores do espetáculo.

Dois – No fim, resta-nos calar e esperar.

Um – Mas no fim, quem aparece no ecrã somos nós.

Dois – Pois é. E às vezes pergunto-me se não é exatamente por isso que nos fazem pagar, obrigando-nos a levantar cedo para depois ficarmos ali horas ao frio a vê-los trabalhar.

Um – Isso quando os vemos, claro.

Dois – É verdade, já há um bom tempo que não aparece ninguém. Pergunto-me o que raio estarão a fazer.

Um – Aposto que estão a comer qualquer coisa. Levantam-se cedo, percebes? Às onze já têm fome...

Dois – E depois dizem que os complicados somos nós, os atores... Mas a verdade é que os atores passam mais tempo à espera dos técnicos do que o contrário.

Pausa.

Um – Por falar nisso, também já começo a ficar com fome... E tu?

Dois – Sim...

Um – Há comida ali na mesa. Não deve ser só para os técnicos, pois não?

Dois – Não, mas... só há enchidos e queijo.

Um – E então?

Dois – Sou vegan.

Um – Bolas...

Dois – Estás a ver... Até o menu é escolhido pelos técnicos. E os operários comem enchidos.

Pausa.

Um – Posso fazer-te uma pergunta?

Dois – Estás a ver? É isso que mais me assusta em ficar horas à espera que o realizador diga “ação”...

Um – O quê?

Dois – Que acabe sempre por surgir uma pergunta existencial.

Um – Desculpa...

Dois – Vá, dispara.

Um – Quando interpretas uma personagem, na tua cabeça és mesmo a personagem ou estás só a dizer o texto enquanto pensas no que vais almoçar?

Dois – Estás a falar de te identificares totalmente com a personagem ou de manteres alguma distância, não é?

Um – Bem... Sim, mais ou menos.

Dois – Eu prefiro a segunda opção.

Um – A segunda?

Dois – Sim. Há uma diferença entre sentir uma emoção e saber representá-la. Nunca pensaste nisso?

Um – Não.

Dois – Para mim, o trabalho de quem representa não é sentir realmente as emoções da personagem, mas fazê-las sentir ao público.

Um – Ah, sim...?

Dois – Quando se representa a raiva, por exemplo, não é preciso estar zangado. Basta reproduzir de forma convincente os sinais dessa raiva.

Um – Percebo.

Dois – É uma maneira de representar quase oposta à ideia de nos identificarmos por completo com a personagem.

Um – Já estou a perceber.

Dois – Tens a certeza?

Um – Sim, sim... Claro.

Dois – Lembras-te da cena de Taxi Driver em que De Niro ensaia ao espelho a pose de durão?

Um – You talkin' to me?

Dois – Pois, nessa cena, o De Niro, ou melhor, a personagem dele, está a tentar reproduzir os sinais da raiva para impressionar um adversário imaginário.

Um – Mas ele é conhecido por entrar a fundo nas personagens, não é?

Dois – Claro. Só que ali interpreta um homem que, por sua vez, tenta representar outra pessoa. O ator faz de taxista; o taxista tenta fazer de durão. É uma representação dentro de outra.

Um – E isso está mal?

Dois – Se for demasiado caricatural, sim. Mas pode-se interpretar a raiva sem estar mesmo com raiva. Muitas vezes é até mais convincente. E muito menos cansativo a longo prazo.

Um – Sem dúvida...

Dois – E tu? Gostas de te tornar a personagem ou preferes manter alguma distância?

Um – Eu entro mesmo na personagem. Identifico-me por completo, percebes? Não interpreto a personagem, eu sou a personagem.

Dois – Está bem...

Um – Não achas que é um bom método?

Dois – Pois... Não digo que seja errado, mas preocupa-me um bocadinho. Na cena que vamos filmar, tu és um polícia violento e eu sou a pessoa que ele está a interrogar...

Um – Ah, acho que é agora.

Dois – Vá lá... Tenta manter alguma distância da tua personagem, está bem? *(O outro já está completamente dentro do papel e parece não o ouvir.)* Estás a ouvir-me?

Um – You talkin' to me?

Negro.

15 – Claquete final

Duas pessoas estão frente a frente. Permanecem em silêncio durante alguns instantes.

Um – Receio que tenha chegado o momento da despedida...

Dois – Vá lá, não fiquemos sentimentais. Ambos sabíamos que este momento acabaria por chegar.

Um – Mesmo assim, custa-me.

Dois – Vais ver que me esqueces.

Um – Como queres que te esqueça? Até há uma figura de cera tua num museu!

Dois – Museus há por todo o lado. Basta evitares o das figuras de cera. E quem é que ainda frequenta esses museus, além dos turistas?

Um – Esta cidade inteira parece agora um museu de cera ao ar livre, com monumentos cobertos de pó e figurantes de rostos imóveis.

Dois – Quase já não vivem aqui pessoas de sempre. Os apartamentos foram transformados em alojamentos turísticos.

Um – Esta cidade perdeu o encanto. Agora serve sobretudo de cenário para selfies.

Dois – Tiramos uma? A última?

Um – Vá, está bem...

Voltam as costas ao público para tirar uma selfie.

Voz off – E... corta! Foi a última cena de Alex Morgan.

Aplausos.

Dois – Agradeço.

Um – Pelo que ouvi dizer, também foi o seu último filme.

Dois – É preciso saber parar a tempo. Não fazer o filme a mais.

Um – Nem todos têm esse bom senso, infelizmente.

Dois – Passei quase toda a minha vida em frente a uma câmara. Agora quero ter tempo para conhecer um bocadinho da vida real.

Um – Talvez venha a desiludir-se. Conhece aquela frase atribuída a Hitchcock...?

Dois – “O cinema é a vida, mas sem os momentos aborrecidos.”

Um – Para o espectador, pelo menos. Porque para nós, os atores...

Dois – Pois... Para fazer um filme de duas horas, o montador chega a ver cem horas de material. E corta tudo o que não faz a ação avançar.

Um – Mas essas cem horas, nós tivemos de as gravar.

Dois – Sem contar as horas de espera, entre uma tomada e outra.

Um – Dizem que uma atriz famosa fazia tricô entre duas tomadas.

Dois – Acho que essa fazia palavras cruzadas.

Um – Ah, talvez...

Dois – Ou então era outra estrela do cinema que fazia tricô.

Um – Outra estrela...?

Dois – Ou a mesma. Já nem sei.

Um – Enfim, todos os atores se aborrecem entre as cenas.

Dois – Pois é.

Um – E nem se fala do tempo que se passa à espera entre filmes.

Dois – Já estive dois anos sem rodar.

Um – Dois anos à espera que o telefone tocasse...

Pausa.

Dois – Dizem que para fazer um documentário de natureza, às vezes filmam quinhentas horas para fazer uma hora de filme.

Um – Coitados dos bichos.

Dois – Achas que lhes pedem para repetir a cena?

Um – Seja como for, para ti já acabou.

Dois – Sim... Agora é tempo de pensar em todas aquelas cenas que foram cortadas na montagem. Aquelas que compõem o grosso da minha carreira cinematográfica.

Um – Ou seja, vais-te aborrecer.

Dois – Obrigado pelo apoio.

Pausa.

Um – O filme acabou, não foi?

Dois – Então o que é que estamos aqui a fazer?

Um – Nada...

Dois – O hábito...

Preparam-se para sair de cena.

Voz off – Lamento imenso, mas tivemos um pequeno problema técnico.

Um – Pois claro...

Dois – E então...?

Voz off – Temos de repetir...

Um – Lá está, afinal ainda não te reformaste.

Voz off – Quando quiserem...

Dois – Estou a postos.

Voz off – Silêncio, estamos a gravar!

Um – Receio que tenha chegado o momento da despedida...

Negro.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Abril de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-337-8

Documento para download gratuito